

História das Ciências e Literatura: Possibilidades de uma Interface

Ana Maria Haddad Baptista

RESUMO

Este artigo mostra algumas possibilidades de interface entre a História da Ciência e Literatura. Nessa medida, propõe-se a partir de um diário ou um texto de memórias, analisar quais seriam os principais aspectos que deveriam ser investigados. Ou seja, questões relacionadas ao real e ficcional, à linguagem e a modelos de memória.

Palavras chave:

História da Ciência; Literatura; Tempo; Memória

ABSTRACT

This paper suggests some possibilities of interface between the History of Sciences and Literature. In this context, it is proposed to analyze in a personal dairy or memoirs what would be the main features to be researched. That is, issues related to reality and fiction, language and models of memory.

Keywords:

History of Science; Literature; Time; Memory

História das Ciências e Literatura: Possibilidades de uma Interface

Introdução

Há muitos caminhos para se trabalhar Literatura e História da Ciência. Não ousaríamos quantificar, tal é a infinidade de opções que se apresentam para se pesquisar a interface em questão. Mas, somente para citar alguns exemplos, pode-se trabalhar ciência e questões biográficas e autobiográficas, pontos e contrapontos de ficção e realidade no texto de um cientista ou de um romance e, nessa medida, questões conceituais, além de muitas outras.

Apresentaremos, apenas, uma possibilidade de interface entre Literatura e História da Ciência e insistimos: muitas outras seriam possíveis, e outras problemáticas poderiam ser levantadas na esfera do que vamos propor.

Tomaremos por base um historiador da ciência, cuja formação mais específica seja da área das ciências (e outras) ou da área de literatura, visto que todos possuem as mesmas possibilidades de interface, aliás, o que julgamos ser muito saudável, ou seja, uma interface com a literatura ou qualquer outra forma de arte pode partir de alguém que seja da Física, Química, Biologia, História, enfim, não há restrições ou exclusividade. Reside aí, sob nosso ponto de vista, uma das maiores riquezas que caracterizam a História da Ciência, desde que as regras de rigor e método sejam respeitadas como convém a qualquer tipo de pesquisa ou investigação.

Um diário, um breviário, crônicas ou memórias são categorias textuais que freqüentemente são escritos por cientistas, historiadores, escritores, artistas, antropólogos e outras pessoas que, de alguma maneira, podem contribuir com a História da Ciência. Nessa perspectiva, é um documento que minimamente poderá contribuir para esclarecer não só fatos e acontecimentos de uma determinada época, como poderá elucidar teorias e contribuições científicas em seus aspectos mais intrínsecos, técnicos.

Partindo deste princípio selecionamos três aspectos que julgamos fundamentais serem investigados ao lidarmos com diários ou memórias e similares. Biografias e autobiografias não serão alvo de nossos apontamentos, visto que são categorias textuais que supõem e exigem outras formas de tratamento e remetem a um outro tipo de abordagem.

Caracterização do texto: ficção ou realidade?

Ao lidarmos com um texto de memórias, uma das primeiras reflexões que devemos fazer é a respeito de ficção e 'realidade'. No contexto da História da Ciência, tal indagação nos conduz a uma profunda investigação conceitual a respeito do caráter da História e um questionamento da historiografia. O primeiro ponto a ser levantado diz respeito à veracidade do que foi narrado. Eis uma questão, em princípio, nada fácil. Quais devem ser os pressupostos? Vários, dos quais selecionaremos apenas alguns. Diante de um diário ou uma obra de memórias, via de regra, partimos da hipótese de que tudo o que foi registrado, especialmente, as observações, comentários e outras descrições são "reais" ou "verdadeiros". Afinal, trata-se de um texto que possui um compromisso com a verdade, ao passo que ao lidarmos com um texto declaradamente ficcional, um romance, um conto, uma poesia, ou um gênero similar, há uma espécie de acordo tácito entre autor e receptor de que tudo não passa de invenção. Em outras palavras: partimos do pressuposto, na maioria das vezes, de que um texto ficcional deverá conter "mentiras" ou coisas completamente inventadas, fingidas, imaginadas.

Nada mais ilusório. Primeiramente, devemos considerar alguns aspectos íntimos relacionados com a ficção. Nenhuma obra ficcional literária pode existir se não tiver como

um pano de fundo o “real”. Por mais inusitadas que sejam personagens, fatos, menor reconhecimento do que estaria sendo dito, entre muitas outras coisas. Lembremos que a ficção, necessariamente, deve conter uma lógica. A ficção está ancorada no real. Outro ponto importante: várias pesquisas, a respeito do assunto em referência, têm apontado que a maioria dos escritores que possuem obras ficcionais e memórias é muito mais fiel à realidade e aos fatos, assim como aos seus próprios sentimentos e percepções em seus textos ficcionais. Dito de outra forma: é muito mais fácil detectarmos verdades em romances e poemas do que em livro de memórias. Portanto, quando se usa a palavra ficção é preciso tomar tanto cuidado quanto ao usarmos a palavra verdade.¹

Logo, ao analisarmos um texto de memórias a desconfiança, em último grau, deve ser nossa aliada. Memórias ou diários, na maioria das vezes, contêm um alto grau de subjetividade, tendencialidade e distorções. Note-se que as anotações de um diário, geralmente, partem de um eu, explícito ou velado.² Seja um cientista, seja um viajante com fins de “descrever” a natureza, seja um escritor, o eu estará presente, que é justamente o narrador. Será a partir de tal perspectiva que teremos os fatos, como no seguinte trecho de uma obra de memórias, publicada em 1819, onde a evidência de uma parcialidade é incontestável:

“Não há dúvida que o espírito deste nosso século levou o estudo da natureza ao mais alto grau de perfeição, mediante a aplicação das suas observações, e das suas experiências; de onde a razão deve odiar aqueles que, abandonados a um condenável e vergonhoso ócio, ignoram as mais belas descobertas, das quais podem esperar tantas vantagens o douto e o ignorante, o agricultor, o artesão, o filósofo e especialmente o médico.(...) As plantas sobre as quais pretendo fazer uma breve exposição são quatro, porque são estas as espécies dentre as suculentas e anuais que por mim foram trazidas do Brasil.”³

Uma das grandes lições da boa literatura é que o eu será eternamente um pronome do qual devemos depositar uma infinita desconfiança, visto que os bons escritores, muitas vezes, quando querem nos deixar perplexos diante de uma trama se valem do eu, possuem esta consciência, tal qual como a de um bom filósofo sabedor de que Sócrates jamais registrou uma palavra. O famoso Sócrates, conforme é sabido, é o Sócrates de Platão, por isso, nunca sabemos ou saberemos quais são as verdadeiras fronteiras entre a invenção ou distorção e a verdade no discurso socrático, a não ser que um dia apareça um registro comprovado de que Sócrates nos deixou algum texto, o que até o momento não sabemos que tenha ocorrido.

Um outro exemplo, amplamente conhecido e bastante estudado é o caso da obra grega *Ilíada*.⁴ Por muitos séculos e séculos esta obra poética, documental, que retrata a

¹ Para um entendimento mais profundo a respeito do assunto ver A.M.H. Baptista, *Bifurcações do Tempo-Memória na Literatura* (São Paulo: Catálise Editora, 2002).

² Naturalmente existem as mais variadas situações. A título de exemplo, destacamos a obra *Grecia Mito y Memoria* em que três investigadores espanhóis, com diferentes formações, percorrem boa parte do território grego continental, assim como algumas ilhas e fazem uma verdadeira análise de monumentos, natureza e outros aspectos. Evidentemente, que três investigadores atenuam a questão da tendencialidade, entretanto, como não poderia deixar de ser, não a eliminam; cf. A.G. Guerra, F.J.G. Espelosín & I.G. Gárate, *Grecia Mito y Memoria* (Madrid: Alianza Editorial, 2005).

³ Giuseppe Raddi, in *Naturalistas Italianos no Brasil*, Ed. T. Isenburg (São Paulo: Ícone, Secretaria do Estado da Cultura, 1990), 75.

⁴ P. Vidal-Naquet, *O Mundo de Homero* (São Paulo: Cia das Letras, 2002), 23.

famosa guerra de Tróia foi encarada enquanto uma obra puramente ficcional. Por incrível que pareça, somente no século XIX, quando Heinrich Schliemann, que acreditou como ninguém nas “informações ficcionais” contidas na obra e em mais algumas evidências objetivas, resolveu encontrar Tróia e registros da guerra, é que muitos fatos, relacionados à referida guerra foram melhores esclarecidos. Não fosse isso, possivelmente, até hoje a guerra retratada por Homero seria pura ficção. Este não é o único caso. Não cabe aqui falar a respeito da ficção científica. De qualquer forma, não é segredo para ninguém que tal tipo de ficção, em muito casos, antecipou muitos equipamentos e situações que foram materializadas na posteridade.

Outro ponto importante ao lidarmos com uma obra de caráter memorialístico é saber, por intermédio de elementos contextuais da época em que o texto foi escrito, quais eram os conceitos de ficção e realidade naquele momento, naquela cultura, naquele tecido social. Por quê? Simplesmente porque os conceitos atuais não foram os mesmos em todas as épocas. Ficção e realidade estão profundamente arraigados a conceitos de verdade no amplo sentido da expressão, nessa medida, sabe-se, o que hoje consideramos como verdade já teve outras abordagens.

Não podemos esquecer que na Grécia Antiga o poeta era mestre da verdade, visto que a verdade possuía um outro conceito⁵. Na Idade Média e em outras épocas, sabe-se, os limites entre o real e o ficcional também foram muito distintos dos parâmetros atuais, que, aliás, as novas linguagens traçam outras possibilidades conceituais.

Conteúdo do texto memorialístico

Um diário ou uma obra de memórias poderá conter informações de nível científico, reflexões a respeito da natureza. Investigar, profundamente, quais são as contribuições de caráter científico propostas pelo autor das memórias é uma exigência, em se tratando da interface entre Literatura e História da Ciência. Quais foram os aspectos contextuais para que sua contribuição fosse conduzida ou aceita? Até que ponto aquela contribuição, ou conceito foram aceitos na época, e são interpretados na atualidade? A contribuição possui relevância? Enfim, uma análise que exige por parte do historiador da ciência dominar elementos mais intrínsecos da área abordada e, para tal, terá que pesquisar e investigar muito. Embora este seja um ponto muito discutível entre os historiadores da ciência, o domínio técnico a respeito do assunto que poderá estar sendo tratado, no caso de memórias, é indispensável. Como já foi diversas vezes apontado pelos historiadores da ciência: como falar de alguma coisa sem conhecê-la? Como refletir um determinado objeto sem um repertório mais específico? Por um outro prisma, ignorar a contribuição científica, que por ventura haja numa obra de memórias, seria o mesmo que fecharmos os olhos a coisas que sabidamente são importantes e imprescindíveis para a História da Ciência.⁶

Ao tratarmos do conteúdo, obrigatoriamente, temos que tratar da linguagem usada pelo autor do diário ou memórias. Qual é o conceito de linguagem, de signo, naquele contexto? Qual é a linguagem usada? Possui literariedade? Ou seja, é carregada de

⁵ Marcel Detienne, na obra *Los Maestros de Verdad en la Grécia Arcaica* (México: Sextopiso Editorial, 2004), entre outras coisas, destaca que a idéia de verdade nos dias atuais está ligada a pontos de objetividade, comunicabilidade e unidade. Desta forma, em conformidade com princípios lógicos e com o real. Entretanto, nos tempos homéricos é o poeta, cuja palavra se funda na vidência, é o mestre da verdade.

⁶ Para uma melhor compreensão a respeito do assunto, cf. R.A. Martins, “Ciência Versus Historiografia: Os Diferentes Níveis Discursivos nas Obras sobre História da Ciência”, in *Escrevendo a História da Ciência: Tendências, Propostas e Discussões Historiográficas*, Ed. A. M. Alfonso-Goldfarb & M. H. R. Beltran (São Paulo: Educ/Editora Livraria da Física/Fapesp, 2004).

comparações metafóricas ou é mais denotativa e referencial? Este ponto da análise é bastante delicado e exige algumas considerações. Houve épocas em que as questões entre representação e linguagem não foram pensadas porque havia identificação entre a palavra e o objeto representado. O que se entende por metáforas e outros recursos, ingenuamente, atribuídos somente a poetas e romancistas? Deve-se levar em conta que o objetivo de uma metáfora é dar mais exatidão ao pensamento, embora, a partir de uma perspectiva predominantemente subjetiva. Este é o principal objetivo da metáfora e outros recursos de linguagem usados por poetas, romancistas, cientistas e outros. A língua nos oferece uma combinação infinita de signos. A literariedade de uma descrição, narração ou de uma análise não compromete o rigor do método e da cientificidade. Pelo contrário, poderá até ser favorável. Quanto mais metafórico um texto, talvez, mais próximo do “real”.⁷

Logo, a linguagem representa, ela não é o objeto em si que busca representar. Não há semelhança entre o objeto e a representação, principalmente, nas línguas ocidentais que operam por fonemas. A palavra é a representação dos sons e não do objeto. Um fonema (unidade mínima da palavra) em si mesmo não possui nenhum significado. Qual é um dos objetivos de uma metáfora, da literariedade? Justamente o de resgatar a analogia perdida entre a palavra e o objeto representado. A metáfora busca ser o objeto, por isso mais próxima da exatidão, inclusive, da exatidão do pensamento.⁸

Vejamos um pequeno exemplo:

“Embarcamos no nosso vapor ao entardecer, quando a cidade estava iluminada. O prodígio de suas luzes iniciou assim que deixamos o cais, diante do centro da cidade. Voou como uma flecha, criando anéis preciosos ao longo dos recortes à beira da praia, e diamantes opacos nas altitudes atrás; cessou por alguns instantes, como um colar partido.”⁹

Depreende-se do fragmento textual em questão o esforço do autor em materializar as imagens que ele estava captando naquele momento, é uma das intencionalidades do texto, voluntária ou não, quando usamos metáforas ou comparações metafóricas e outros recursos ligados à literariedade. Questões ligadas à linguagem estão profundamente relacionadas com as questões, em diferentes graus, de ciência.¹⁰

⁷ Gilles Deleuze faz uma análise, bastante aguda, a respeito do assunto em *Proust et les Signes* (Paris: Quadrige, 1998).

⁸ E ainda, de acordo com Foucault: “O semelhante, que fora durante muito tempo categoria fundamental do saber – ao mesmo tempo forma e conteúdo do conhecimento – se acha dissociado numa análise feita em termos de identidade e de diferença”, cf. M. Foucault, *As Palavras e as Coisas*, 5.ed. (São Paulo: Martins Fontes, 1990), 69.

⁹ No original: “We took ours evening when the City had lid up. The wonder of her lights began as we worked out through the harbour and before the main town. It swept back in jewelled loops along the scalloped sea-fronts and the diamond-dusted heights behind them; broke for few minutes like a snapped necklace”; cf. R. Kipling, *As Crônicas do Brasil* (São Paulo: Landmark, 2006), 46-7. O autor, das memórias em referência, inclusive, faz poemas relacionando-os às imagens contempladas.

¹⁰ Nas palavras de Foucault: “Projeto de uma ciência geral da ordem; teoria dos signos analisando a representação; disposição em quadros ordenados das identidades e das diferenças: Assim se constituiu na idade clássica um espaço de empiricidade que não existira até o fim do Renascimento e que estava condenado a desaparecer desde o início do século XIX. Ele é para nós, hoje, positividade a que pertence nosso saber que, durante muito tempo passou despercebido. Deformamo-lo, e mascaramo-lo através de categorias ou de uma distribuição que não são nossas. Pretende-se reconstituir, ao que parece, o que foram nos séculos XVII e XVIII as ‘ciências da vida’, da ‘natureza’ ou do ‘homem’. Esquece-se simplesmente que nem o homem, nem a vida, nem a natureza são domínios que se oferecem espontânea e passivamente à curiosidade do saber”, vide: Foucault, p. 87.

Aspectos de memória

A memória a face

O reflexo da face sobre a memória
 A extinção da face na memória
 O reiniciar da face na memória
 A manutenção da face na memória – intocada – como era
 A conflagração da face na memória
 O retorno gradual da face na memória
 A lenta partida da face na memória
 A presença contínua da face na memória
 A ausência contínua da face da memória
 A aproximação da face à memória
 O uso da face pela memória
 O eclipse da face da memória
 O reaparecimento da face pela memória
 A fragmentação da face na memória
 A devoração da face pela memória
 A desfiguração da face na memória
 A troca da face por outra face
 A substituição da face por uma face nova
 A completa incapacidade da memória
 Rememorar de como foi a face
 O tremendo esforço da memória
 Localizar a face –
 Dar-lhe intensidade sendo
 O esforço da memória para cercar a face
 Com os frios fatos sabidos
 A luta da memória para dar à face
 Um concreto ambiente
 Uma sala sobre um chão um endereço
 Em uma rua em uma cidade
 Com amigos conhecidos parentes pessoas indiferentes
 A falha da memória em dar à face uma rua
 Dar à face uma moldura
 Dar à face – uma face.

Nanos Valaoritis¹¹

O âmago deste poema reside na profunda desconfiança que o poeta possui em relação à memória. Textualmente, uma espécie de questionamento dos quais destacaremos alguns. A partir de uma comparação entre a face, que sabidamente é aquilo que se mostra, que não esconde porque a face, no contexto do poema, denuncia o tempo. O poeta evidencia que o tempo, categoria indissociável da memória, reinicia, devora, fragmenta,

¹¹ Tradução realizada por nós diretamente do grego. Nanos Valaoritis nasceu no ano de 1921 e é considerado um dos melhores poetas gregos da atualidade.

principalmente do primeiro ao nono verso. O poema sugere o movimento temporal no sentido de escoamento e que a face materializa.

A partir do verso “A completa incapacidade da memória” o poeta sugere a denúncia do ato de rememorar, ou seja, memória e face caminham em descompasso. A memória não consegue localizar, cercar, reter a totalidade da face, daquilo que se mostra. Enfim, a memória é um registro incompleto.

A História da Ciência assim como a Literatura, por sua própria especificidade, jamais poderão prescindir de questões relativas à memória. Ao possibilitar uma multiplicidade de aspectos, é um dos maiores pontos de convergência entre as áreas em questão. Em outras palavras: por si mesmas, as duas áreas dependem, fundamentalmente, da memória em diferentes níveis. A partir desta evidência que dispensa explicações mais detalhadas, por fugir aos objetivos deste artigo, selecionamos algumas proposições que julgamos importantes ao lidarmos com um texto memorialístico.

Devemos lembrar, juntamente com Paolo Rossi¹² e outros pesquisadores a respeito do assunto, que memória supõe esquecimento. Não há memória sem esquecimento e tal assertiva comporta diversos níveis de abordagens.¹³ Relaciona-se com o individual e o coletivo, com seleção e hierarquização. Quantos acontecimentos foram anulados, “esquecidos” em nome de um presente que se julga cheio de pretensões? Em que medida fatos foram distorcidos, reconstruídos sob falsos pilares para se justificar esta ou aquela contribuição científica?

Um dos maiores desafios dos historiadores da ciência é investigar o passado e refletir, profundamente, se aqueles resultados de sua pesquisa não estão, somente, confirmando, facilmente, os modelos, idéias, resultados e concepções que o presente legitima como ideais e impassíveis de contestação. Destaque-se, neste momento, que é uma condição humana (dentro dos parâmetros do que se denomina normalidade) que só enxergamos o passado sob a ótica do presente. Tal condição não é uma exclusividade do historiador da ciência e nem do escritor. Somos seres impossibilitados de ter acesso ao passado em si. Individual ou coletivo.

Nessa medida, conclui-se, de maneira bastante evidente, que o passado, queiramos ou não, é uma construção cujos componentes, aliados a outros, são: distorção, imaginário, intuição, fascinação, criatividade, intuição, projeção, ficção, subjetividade, fantasia.

Tal construção, aos olhos da contemporaneidade, parece óbvia, entretanto, não é. Todo olhar e reflexão a respeito da memória em seus aspectos mais conceituais e intrínsecos estão ligados a um contexto. A memória, conforme se sabe, de caráter individual tinha uma grande relevância nas sociedades orais, visto que praticamente não havia registros e suportes sofisticados de armazenamento de dados como dispomos nos dias de hoje. Portanto, é um outro conceito de memória. Valoriza a pessoa experiente e “idosa” porque esta seria a guardiã de costumes, tradições. Homero, o famoso poeta grego, ao narrar a Guerra de Tróia, ao pedir inspiração à Mnemosine, deusa da memória, sente-se como que transportado para o passado e pensa ter narrado os fatos tais como eles ocorreram, ele é considerado um vidente, tal como já afirmamos anteriormente. Os fatos narrados por Homero não estão separados pelo tempo. A epopéia separa o presente do passado por uma espécie de justaposição.

Aliado ao conceito ou modelo de memória predominante em uma determinada época, deve-se investigar o conceito adotado pelo autor do diário ou memórias. O autor possui, individualmente, velada ou de maneira explícita, um conceito de memória? Sabe-se, que Santo Agostinho, em *Confissões*, possui um conceito de memória muito particular, que

¹² P. Rossi, *El Pasado, la Memoria, el Olvido* (Buenos Aires: Nueva Visión, 2003). Nesta obra, o autor em questão, detalha aspectos importantes a respeito da memória para a História da Ciência.

¹³ Para um melhor detalhamento sobre o assunto ver A.M.H. Baptista, “Mnemosine, Musas: Uma Gênese da Memória e seus Possíveis Desdobramentos”, *Revista Lumen* 11 (26): 11-21.

aponta para aspectos de subjetividade. Aos olhos de hoje uma abordagem bastante diferente daquele que predominava na Idade Média. Ou seja, o autor reflete pontos a respeito da própria memória em si? Quais seriam os pressupostos do autor? Todos estes elementos são importantes de verificação ao analisarmos um texto. Vejamos o trecho a seguir de Bartolomeo Bossi:

“O leitor não deve esperar de mim esse estilo elevado que fez a fama de tantos viajantes, mas em seu lugar encontrará a verdade desnuda, sem esses contos fantásticos que fazem duvidar de tudo, sem essas histórias que tanto entretêm e enchem muitas páginas. Apenas proponho-me descrever minha viagem, para o que possa ser útil; referirei tudo o que tiver visto e observado, tal qual se apresentaram os objetos perante meus olhos. Minhas observações, em certos ramos, carecerão de abstrações da ciência, mas em troca, não faltará exatidão. (...) O especulador e o agricultor também encontrarão na descrição de minha viagem ao Alto do Paraguai, informes exatos dos ricos e variados produtos desta bela região da América, em uma época em que o espírito de empresa, e a avidez pela exploração de todos os ramos do comércio, formam o caráter distintivo de nosso século. Este opúsculo, se algum mérito pode ter, será a exatidão rigorosa de seus pormenores, sem preocupar-me com encher os vazios literários que possam achar os que se dignem lê-lo.”¹⁴

Depreende-se do trecho em questão que o autor possui um conceito de memória que equivale a uma “verdade desnuda”; as evidências textuais inferem que o autor não possui a consciência da tendencialidade, principalmente quando afirma que “referirei tudo o que tiver visto e observado, tal qual se apresentaram os objetos perante os meus olhos” e ainda: “não faltará exatidão”, assim como “será a exatidão rigorosa de seus pormenores”. Tais evidências textuais devem conduzir o historiador da ciência a desconfiar mais do nunca do relato em questão. O autor crê na exatidão e veracidade absoluta de suas descrições, o que julgamos um caminho bastante duvidoso e perigoso, mesmo considerando-se o contexto em que as memórias foram registradas. Ele, a julgar pelo que escreve, crê que a memória é uma operação fiel ao que observa e narra.

E, finalmente, dentre tantos outros aspectos que poderiam ser analisados, destacaremos questões ligada aos níveis de temporalidade. Cabem aqui algumas reflexões: o narrador das memórias tem uma preocupação obstinada por datas e horários? As memórias possuem um caráter linear e sucessivo? Ou são do tipo fragmentado? Outro ponto importante: o autor possui reflexões a respeito de acontecimentos pretéritos no momento em que está escrevendo suas memórias? Intercala com outras pequenas narrações? Muitos autores mesclam diferentes níveis de temporalidade, conforme o exemplo a seguir:

¹⁴ T. Isenburg, *Naturalistas Italianos no Brasil*, 311-2. Ao falarmos de conceito de memória que predomina em uma determinada época, a título de exemplo podemos citar o modelo cíclico, que supunha a repetição e, de certa forma, nega a transformação; podemos citar o modelo de tempo-memória irreversível, ou seja, uma espécie de flecha do tempo que aponta para o futuro como forma de valorizar o presente e desprezar o passado, só para ficarmos com alguns exemplos.

“Viramo-nos todos para a Grécia e todos nós a consideramos, uns mais outros menos, como nossa pátria. A Grécia não pertence a toda a gente. Não está inteiramente sobre o mar, como alguns imaginam: também possui montanhas, de píncaros nevados. O mar banha-lhe as costas, penetra nelas, mas não com a mesma profundidade em toda a parte, e nem sempre da mesma maneira. As praias e o mar são ainda como eram antigamente; as ilhas são as de outrora, as Cíclades e as Espórades, o mar Jônico e o mar Egeu, cada qual do seu lado; o céu continua a ter a mesma coloração. E, no entanto, o passado não regressa, nem se reproduz: a Grécia e a Grande Grécia separaram-se há muito, a Hélade e o Bizâncio desuniram-se para sempre; Bizâncio e o Império do Oriente nunca mais se encontraram (...). Muitas coisas importantes conservavam nomes gregos, novos e antigos, ecumênicos, mesmo tendo outros proprietários: as palavras não podiam por si sós substituir as coisas. Alguns interpretaram o passado do Gregos melhor do que estes sabiam ou podiam fazê-lo. Os Gregos tiveram que servir os estrangeiros que vinham prestar homenagem à sua terra, admirando o seu passado sem compreenderem o seu presente, tomando um pelo outro e confundindo-os: procuravam a si mesmos no passado mais que no presente, sem poderem reuni-los.”¹⁵

No trecho em questão o autor reflete o passado, há introspecção, o que, em termos de temporalidade pode ser traduzido que há um tempo subjetivo relacionado com pontos de duração, tempo qualitativo. A análise sobre o que está narrando ora o coloca em estratos do passado, ora em estratos temporais mais próximos da atualidade em que está narrando para fundamentar sua análise.

Outro ponto a ser levantado: qual é o distanciamento cronológico entre os fatos e a narração das memórias? Este distanciamento é velado ou datado? Devemos levar em consideração que quanto maior a distância entre o narrado e o momento da escritura, maiores serão as chances de esquecimento, hierarquia, seleção, filtro e outros mecanismos intimamente ligados à operação e ao conceito de memória. Há casos, neste tipo de registro, em que o autor resolve escrever reflexões, descrições após dez anos, quinze ou mais.

Do exposto, destacamos que Literatura e História da Ciência são áreas que contêm vários pontos de convergência que podem ser explorados, sob as mais diversas perspectivas. As questões ligadas às biografias e autobiografias propiciariam um trabalho investigativo bastante significativo para ambas. Há físicos, atualmente, que atuam tanto na Física como na Literatura e uma pesquisa a respeito do tratamento que tais profissionais dão às duas áreas, em termos conceituais, seria a nosso ver, uma investigação de relevo. Enfim, como afirmamos no início deste texto, as possibilidades de interface entre Literatura e História da Ciência são muitas e tantas quantas as proposições de investigação e pesquisa estiverem dispostas.

Ana Maria Haddad Baptista

Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência. Coordenadora do curso de Especialização em História da Ciência.
e-mail: anamhb@terra.com.br

¹⁵ P. Matvejevitch, *Breviário Mediterrâneo* (Lisboa, Quetzal Editores, 1994), 101-2.